

Cada coisa que fazemos ou vivemos encerra um duplo significado: por um lado, centra-se em si mesma, guardando toda a amplitude e profundidade, toda a alegria e sofrimento que a sua vivência imediata nos proporciona. Por outro, faz parte de um percurso de vida, ou seja, não é só um todo bem delimitado, ela insere-se também no todo de um organismo.

Cada um destes pontos de vista configura de um modo particular cada um dos conteúdos de vida: acontecimentos que, de acordo com o significado que lhes é próprio, podem ser semelhantes entre si, e passam a ser, quando considerados na sua rela-

ção com o todo da vida, extremamente divergentes; inversamente, acontecimentos que são incomparáveis na sua significação própria podem ter um papel idêntico como elementos constitutivos da nossa vida como um todo.

Quando dizemos de duas coisas vividas, cujos conteúdos não têm muitas diferenças, que uma delas é uma «aventura» e a outra não, é na diversidade da relação que as liga ao todo da nossa vida que se deve procurar a marca distintiva.

A forma mais usual de que se reveste a aventura é o afastamento em relação ao contexto geral da vida.

Com contexto geral de vida queremos dizer que, nos diferentes conteúdos da vida, por muito irreconciliáveis e opostos que sejam entre si, circula um processo de vida único.

Opondo-se a este encadeamento dos anéis da vida, ao sentimento de que, apesar de todas as contracorrentes, de todos os desvios, de todos os obstáculos, um fio contínuo mantém a urdidura, há algo

a que chamamos aventura. É uma parte da nossa existência, a que outras se vêm associar, antes ou depois dela, mas que ao mesmo tempo, no seu sentido mais profundo, decorrem fora da continuidade habitual da vida.

Contudo, ela difere de tudo o que se deve simplesmente ao acaso, tudo o que é estranho ou toca apenas na epiderme da nossa vida.

Caindo fora do âmbito da nossa vida, regressa ao mesmo tempo, com este movimento — o que haverá lugar a explicar — ao seu interior; sendo um corpo estranho na nossa existência, religa-se, todavia, ao seu cerne de alguma forma.

Num sentido muito mais extremo do que aquele em que costumamos entender as outras formas da nossa existência, a aventura tem um princípio e um fim.

Geralmente encaramos os acontecimentos do dia ou do ano como estando a chegar ao fim quando, ou porque, outro está a começar; eles definem mutuamente os seus limites e assim se forma ou se exprime a unidade do contexto da vida.

A aventura, pelo contrário, é em si mesma independente de um antes e depois, definindo os seus limites sem ter em conta um antes ou um depois.

É precisamente no ponto em que a continuidade da vida é posta de parte — ou em que nem sequer precisa de ser posta de parte, porque há logo à partida algo de estranho, isolado, fora de série — que dizemos que há aventura.

Faltam-lhe os processos de endosmose e exosmose com as partes suas vizinhas na vida, através das quais esta adquire uma unidade.

Esta limitação decisiva, que faz a aventura destacar-se do percurso total de um destino, não é mecânica, mas sim orgânica. Tal como o organismo não determina a sua forma no espaço simplesmente por encontrar obstáculos à esquerda e à direita, mas porque a impulsão da vida lhe dá uma forma a partir do seu interior, a aventura não termina por haver alguma coisa a começar, mas sim porque o tempo que ela ocupa, o seu término radical, corresponde a uma determinação do seu sentido interior.

É aqui que reside a relação profunda entre a aventura e o artista, o que talvez também explique a propensão do artista para a aventura.

Faz parte da essência da obra de arte recortar uma parte das séries infinitamente contínuas das vivências e coisas visíveis, desligando-as dos contextos tanto do mundo de cá como do além e dando-lhes uma forma autossuficiente, que se mantém a ela própria como que a partir do seu núcleo interior.

Ao tornar-se uma parte da existência, em cuja trama está urdida, perfazendo ao mesmo tempo um todo, uma unidade fechada em si mesma, cria-se a forma que é comum à obra de arte e à aventura.

O facto de um acontecimento isolado e fortuito poder encerrar em si uma necessidade e um dado sentido determina o conceito de aventura, em oposição a todas as partes da vida colocadas na periferia pelo simples acaso.

Um acontecimento torna-se aventura na condição de se verificar uma dupla determinação: é preciso que possua a configuração de um sentido, de algum